



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

COISAS DE ESTORNINHOS

Por LAURA CHAVES

NO reino da passarada correu certa nova, um dia, que a deixou mesmo banzada!

O caso é que se dizia que o Estorninho Cata-vento, esse cabeça no ar, mudara, tomara assento, pensando mesmo casar. Que tinha até convidado o Melro para padrinho, que andava todo açodado a pôr casa, isto é, pôr ninho.

Que a noiva era uma estorninha da nobre casa da Tília muito bem educadinha, de muito boa família. A famosa novidade, que deu tanto que falar, dessa vez era verdade: o Estorninho ia casar!...

Os pais dele que eram velhos, ao seu filho, ao seu Estorninho

só lhe davam bons conselhos para a construção do ninho. «Que o fizesse bem seguro, com cuidado, com mestria, para que ele, de futuro, resistisse á ventania. Que fôsse entre os outros ninhos o mais quentinho, o melhor, para depois os netinhos terem conforto e calor.

O Estorninho nada ouvia, aos pais não tinha respeito, e o seu ninho contruía com o que apanhava a jeito. Pensava: — Espera por essa! A velhice é sempre tonta! Eu quero casar depressa, preciso da casa pronta! —

Ficou feito num momento, o ninho dêsse estarola... — Por dentro, pão bolorento, fóra, cordas de viola. — Mas nada disto éle achou, dizendo: «está bem finório!»



e para logo marcou a data do seu casório.

Foi esplêndida essa festa pois tudo foi convidado, desde as aves da floresta té aos pardais do telhado e todos presenciaram os Estorninhos nubentes, que, já se vê, apanharam ricos e belos presentes.

Houve jantar preparado por uma casa elegante: chamada: «Ao milho grelado» um famoso restaurante. A comida, essa marchou... Os vinhos levaram rasa, muito pássaro ficou com seu «grãozinho na asa». Depois houve contradanças, muitos cantos, alegria, e assim em cantos e danças éles passaram o dia.



(Continua na página 8)

FAROLINHAS AVIADORA

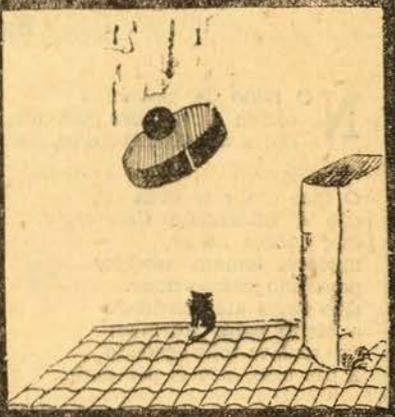
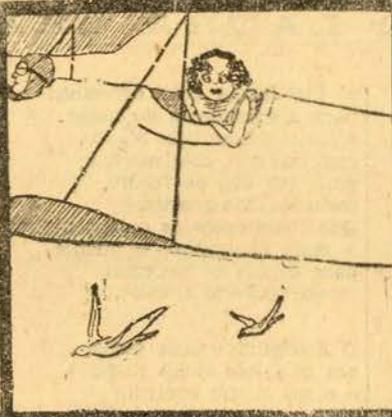
POR MARIA DOS MILAGRES



QUANDO vê um avião,
Farolinhas, sem demora,
Exclama com decisão:
— «Hei-de ser aviadora!»

Ao ouvi-la isto dizer,
Sempre o pai grita irritado:
— «Não se fez para a mulher
Esse ofício excomungado!»

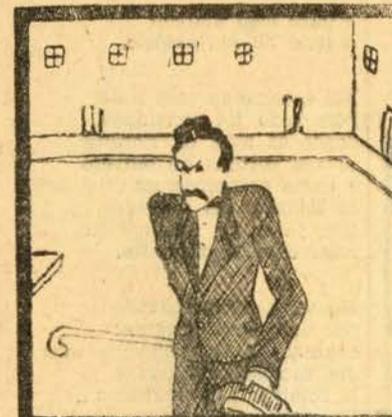
Farolinhas, que é teimosa
E não faz caso do pai,
Um dia, toda animosa,
Ao campo de Alverca vai.



No campo, uns aviadores
Que estão prestes a subir,
Dizem-lhe, galanteadores:
— «Em que a podemos servir?»

Farolinhas volve, então,
Que só deseja voar;
Logo um az de aviação
Se of'rece para a levar.

Nossa pobre Farolinhas,
Já em medonhas alturas,
Vê de dia as estrelinhas
E tem horríveis tonturas!



Meu Deus! O chapéu lhe cai,
Sem que ela o possa agarrar
E na cabeça do pai,
Acaba por se encaixar!

Chega a terra semi-morta
E para casa é levada,
Mas ai, mal entrou a porta,
Apanhou tanta pancada,

Que, durante mês e meio,
Farolinhas Faroleta,
Chegou mesmo a ter receio
De ficar cõxa ou maneta!

MÁRIO E OS SALTIMBANCOS

NOVELA INFANTIL POR LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

Mário, sem protestos, deaceu. E à luz da lua e das fracas lanternas da carroça, ajudou a cigana a apanhar os ramos. Os seus pés, desabitua- dos de andar descalços, doíam, doíam muito. Já os sentia esfolados, mas... não se atrevia a queixar-se. Por fim, a Laura deu a tarefa por terminada e começou a fazer a ceia.

Algum tempo depois, chamava os companheiros:

— «Eia gentes! A ceia está pronta. Quem quiser, chegue-se!...»

Os dois ciganos, uma cigana velha que, durante a viagem inteira, dormira e só acordava, de vez em quando, para dizer, com voz avinhada, qualquer grosseria, acorreram à chamada. Mário, com receio de mais maus tratos, veio também.

Mas ao provar a sopa — uma água suja com bocados de pão e hortaliça podre — sentiu tal repugnância, que a pós logo de parte, enojado. Os ciganos desataram a rir à gargalhada.

— «Ah!... Ah!... Ah!...» — disse o Vicente, enquanto engulia com sofrimento a sua sopa. — O miúdo tem má boca!...»

— «Talvez êle antes queira um caldinho de frango!...» — respondeu o Custódio.

E, juntando o acto às palavras, arrumou-lhe tamanha pancada no peçoço que ao Mário saltaram-lhe as lágrimas dos olhos.

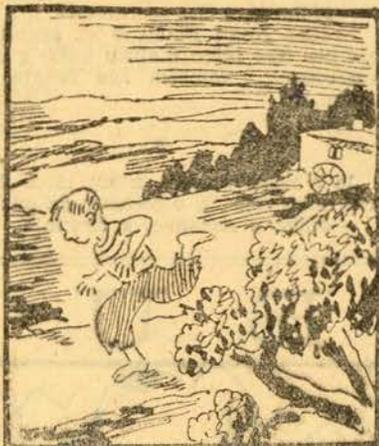
E enquanto o rapazinho se afastava um pouco, a chorar, os ciganos continuaram a rir e a comer, como uns desesperados. E, depois de todos terem bebido vinho à farta, pela mesma borraça, a cigana Laura arrumou rapidamente o trem de cozinha e meteram-se dentro da carroça, obrigando o Mário a acompanhá-los.

E o calvário do rapazinho apenas começava!...

Apesar de cansado, extenuado por tantas emoções, Mário não podia adormecer. Estendido no chão, sobre uma esteira imunda, pensava... chorava. Toda a sua vida anterior lhe vinha à lembrança. Os pais, os amigos, os criados, o filho do caseiro... os passarinhos... Ah! Os passarinhos... Coitados!... Que seria feito dos passarinhos que êle escondera no pinhal?

A esta hora, teriam já morrido, ao abandono, sem mãe que os protegesse e os alimentasse...

Um grande soluço lhe escapou da garganta!



— «Que mau!... que mau eu fui para a pobre mãe dos passarinhos!... — exclamou êle, muito baixinho — Estou tão arrependido, tão arrependido!...

A ela, succedeu-lhe como à minha mãizinha adorada!... Quando tentava defender os filhos... meu Deus!... Que horror!... Querida mãizinha!... Perdão!... perdão!... não torno a ser mau!

— «Cala a boca miúdo! — rosnou o Custódio, furioso — Estás aqui, estás... a apanhar tamanho estalo que vês as estrélas, mesmo sem saíres da barraca!...

Ao ouvir aquêle vozeirão, Mário calou-se. Encolheu-se o mais que pôde e, de mansinho, muito de mansinho, continuou a chorar, a chorar, até que adormeceu.

* * *

No dia seguinte, ainda madrugada, acordou com um pontapé. Levantou-se imediatamente e encetou os seus trabalhos.

Ajudou a cigana Laura a apanhar ramos secos para o lume, varreu a

barraca, deu de comer aos animais...

Depois do magro almoço — umas sôpas de pão a nadar em água suja — ajudou a atrelar os cavalos. E de novo a carroça começou a andar, internan- do-se mais e mais na Espanha.

Pelo meio da tarde, avistaram ao longe um acampamento de ciganos. Era ali, que daí em diante, Mário ia viver!... ..

* * *

Uma semana decorrera, após o rapto de Mário. Este, na aparência resignado com a sua sorte, na verdade não pensava senão em fugir.

Mas como?

Andava tão vigiado, que não podia sequer afastar-se dez passos do acampamento.

Apenas o fazia, de dia ou de noite, logo o vozeirão do Custódio o obrigava a voltar para trás:

— «Eh lá, miúdo... Onde é a ida?... Se avanças um passo mais, ainda hoje vais fazer companhia ao diábo dos infernos!...

E as coisas estavam neste pé, quando, nessa noite, Mário pensou:

— «Tenho que fugir daqui, dê por onde der. Antes arriscar-me a ser morto pelos ciganos, do que ficar com êles toda a vida!...

Esperou que tudo sossegasse na barraca. E quando lhe pareceu que os outros dormiam, abriu com cautela a janelita e agilmente saltou para fóra. Mas apesar do cuidado com que o fizera, logo ouviu a tal voz de trovão, agora um pouco ensonada:

(Continua no próximo número)



MAIS UMA VEZ

CALINO

por MANUEL FERREIRA

PASSARAM-SE tempos. Calino conseguiu arranjar o interessante emprêgo de *cicerone*. Aparecia, então, nos cais, com seu fato azul muito vincado, no boné um letreiro dourado e uma fita no braço. E informava, muito senhor do seu papel:

—«Olhe, esta cabeça que o sr. aqui vê, é a de S. João Baptista...»



—«Como pode ser isso? Na minha terra também há uma cabeça de S. João Baptista. Qual é a verdadeira?»

—«Ambas. — (responde Calino). — A da sua terra é a cabeça de quando S. João era homem. Esta é a de quando ele era pequenino...»

—«Quem quer lápis, pentes, alfinetes e agulhas?» — apregoava Calino, agora, vendedor ambulante.

—«Quanto custam os lápis?» — pergunta um freguês.

—«Dez tostões o cento!»

—«Oh! que pechinca! Não há nada mais barato!»

O freguês compra duzentos e paga. Mas depois pergunta:

—«Olhe lá, e eles escrevem?»

—«Ora essa! Então, o sr. apanha lápis por esse preço e ainda quer que eles escrevam!... Também não faltava mais nada...»

Ia o nosso homem, numa tarde de verão, num trem. E o cocheiro gritou:

—«Olhe o andaime, à direita!»



Calino obedeceu. Olhou para a direita e apanhou uma grande pancada na cabeça, ocasionada pelo andaime que estava quasi rente à portinhola.

Gritou, então, para o cocheiro: —«Para a outra vez, seu bruto, quando você disser «olhe para a direita» eu trato de olhar para a esquerda...»

Numa pensão, Calino e o filho Malaquias estavam a jantar. Perto deles, rosnavava um cão. Malaquias que trinchava uma galinha, deixou cair um grande bocado e disse para o pai:

—«Lá vai o cão comer a perna da galinha. Quere ver que fico sem ela?»

—«Não tenhas medo, rapaz, que eu já pús os pés em cima do bocado.»

(Continua na página 7)

O REGADOR

E OS SEUS AMIGOS

por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ERA uma vez um regador que levava uma vida muito triste, porque não tinha com quem falar. Quando o jardineiro despejava a sua água sobre as lindas flores, ele ainda tentava dizer-lhes: «Bons dias! Boas tardes!...» mas, nunca tinha tempo de proferir palavra, tão depressa passava, dum lado para o outro, na faina da rega.



Um belo dia, teve a agradável surpresa de encontrar dois amigos: uma rã e um lagarto.

Fez todo o possível por agradar a ambos.

Havia, no entanto, uma pequena dificuldade, porque o lagarto gostava de sol e não consentia que o regador entornasse nem uma gotinha de água e a rã apreciava a humidade e pedia ao regador que nunca deixasse de pingar.

—«Está um dia criador!» — (disse, uma vez, o lagarto que se aquecia ao sol). — Isto é que me convém! Espero, regador, que não te lembres de deitar nenhuma água nesta relva.»

—«Para te falar, com franqueza — (respondeu o regador) — tenho um outro amigo que muito gosta da humidade.»

—«Eis a razão porque há tantos sapos por aí!...» — (exclamou, já arreliado, o lagarto). — Pois se queres que a nossa amizade continue, guarda a relva bem seca para mim.» — e deu ao rabinho, muito nervoso.

—«Podes ficar certo que farei todo o possível para te tornar bem confortável neste cantinho, onde vivemos.» — tornou o regador, pensando, não sem uma certa inquietação, na sua amiga rã.

Depois desta explicação, o lagarto vol-



tou todos os dias, a cavaquear um bocado e tornava, depois, a esconder-se no seu buraco, entre duas pedras.

Passados uns dias, apareceu a rã muito magra e triste.

—«Meu caro amigo, — (disse para o regador) — vê se me dás um chuveiro! Estou tão sequiosa!... A minha pele está tão seca!...»

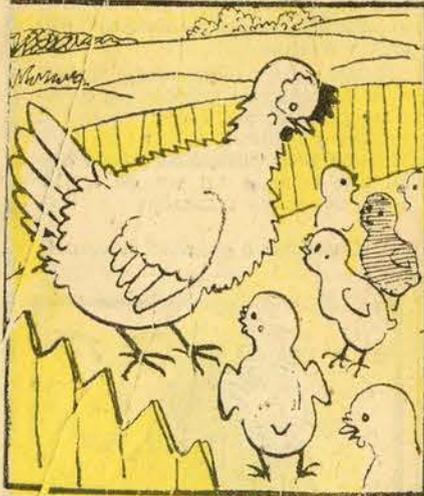
Com certeza, morro, se este tempo assim continua! Só tu me podes valer! Vê se molhas um pouco, aqui, a relva.»

—«Para te dizer a verdade, tenho outro amigo que não gosta de coisas molhadas!» — (respondeu o regador). — Mas farei tudo o que possa, para te ser agradável!»

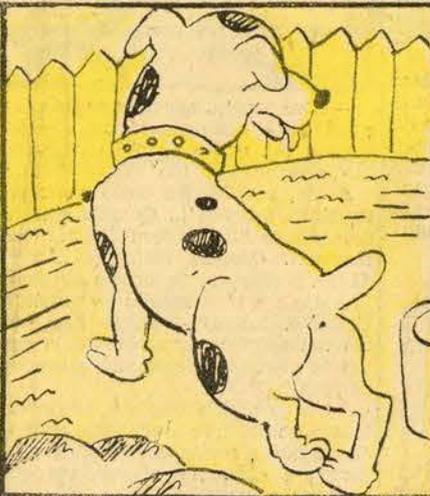
E deitou um tal chuveiro de que a própria rã foi buscar uma folha de nenúfar, para fazer dela uma guarda chuva.

(Continua na página 6)

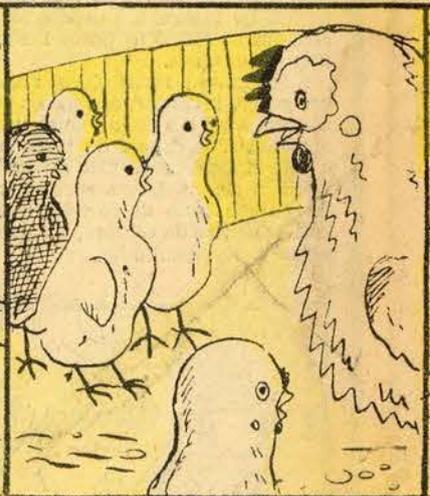
FÁBULA POR FELIZ VENTURA



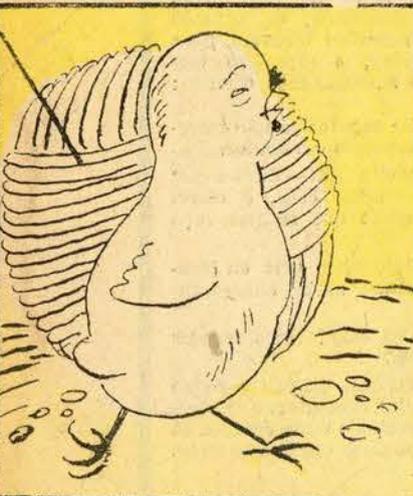
NESSA manhã, a galinha disse assim aos pintainhos: —«Vou sair, mas sem demora! Talvez dentro de uma hora eu já cá esteja de volta.»



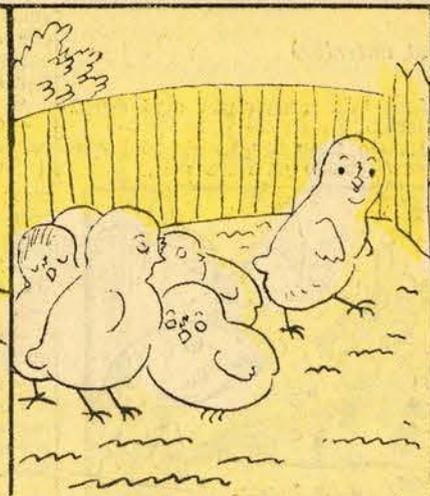
Brinquem, aqui, quietinhos, Não saiam sem eu voltar... Bem sabeis que, ali, na horta, Anda o cão, o Perna-Torta, Que bem vos pode levar.»



—«Qui-qui-ri-qui! qui-ri-qui!... Vá a mãe bem descansada, Que nada há-de acontecer!» — Disseram todos, em câoro, Dispostos a obedecer.»



Mas entre muitos, é certo Haver sempre um mais esperto Ou que assim se há-de julgar, E isto mesmo acontecia. Aos filhos desta galinha.



Tinha ela um pinto amarelo Que mais lembrava um novêlo E que, entre os manos restantes, Era dos mais elegantes.



Pois esse não concordou E pôs-se logo a pensar Como havia de sair Mas sem ninguém o notar.

(Continua na página 8)

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA AS MENINAS por ABELHA MESTRA

Minhas queridas:

Este lencinho tão simples, é dedicado às Abelhinhas mais pequeninas, aquelas que principiam a ensaiar o recorte.

Para elas vai o pormenor do ponto, indicando a maneira de o trabalhar.

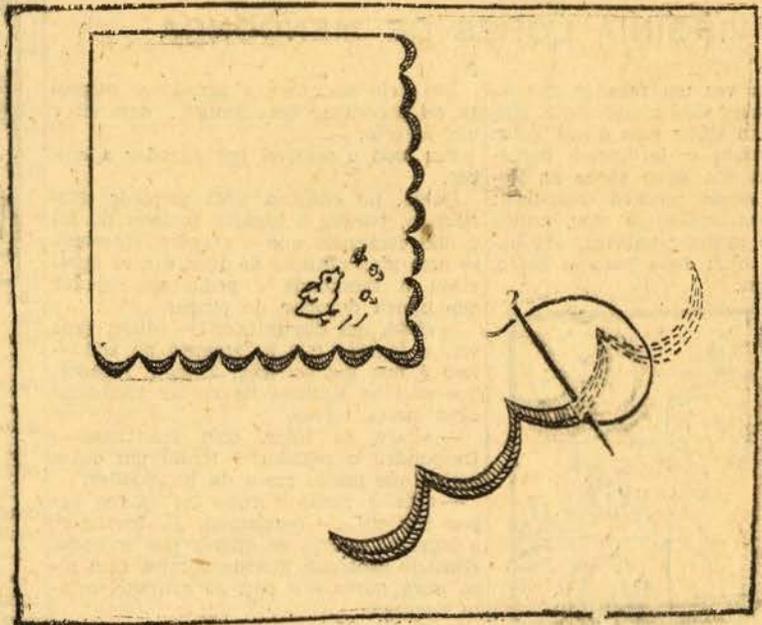
Como vêem, passamos, primeiramente, uns alinhaves, seguindo os dois riscos do contôrno e depois passamos ainda mais duas linhas pelo meio.

Faz-se isto para dar mais relêvo ao bordado.

Por fim, começa-se a fazer o ponto como a gravura indica.

Podem fazer este lencinho em cambráia de linho em *manzouk* de qualquer côr.

Até mesmo o pano branco fininho serve.



Cuidado, não desviem a agulha do risco, para que os recortes não fiquem tortos.

A todos abraça a amiguinha,

Abelha Mestreira

O REGADOR E OS SEUS AMIGOS A NEDOTA

(Continuado da página anterior)

Mas estava radiante! Todo o corpo lhe brilhava debaixo da água que ia engulindo e assim se tornava roliça e polida, outra vez.

Apanhou uma lesma e um vermezinho — preparava-se para os engulir, quando se ouviu uma voz, muito zangada, — que não era outra senão a do lagarto, — gritando:

— «Quanto tempo continuará essa chuva infernal? Estou aqui fechado, sem coisa alguma que comer, nem com quem falar!...» —

— «Esta agora!... Esta agora!... Não me é possível agradar a ambos, ao mesmo tempo (resmungava o pobre regador, apouquentado), — tenho que voltar, outra vez, á minha vida solitária!...» —

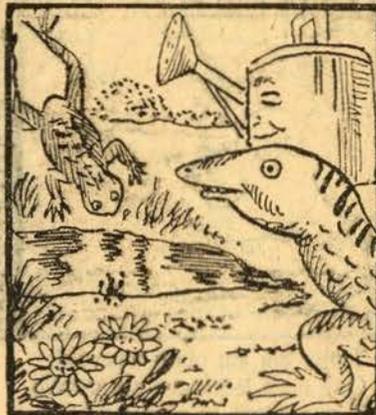
— «Tal não acontecerá! — exclamou um pequeno cogumelo que, todo fresco, na relva seca, assistia á cena). — Sei uma maneira de resolver a questão. No pântano próximo, faz-se um buraco fundo, onde a rã pode viver, e para o lagarto deixa-se a relva seca para ele se aquecer ao sol.» —

— «Um plano esplêndido?» — (declararam os amigos, a um tempo.

O regador tratou de encher o buraco

com água bem fresquinha e a rã mergulhou logo.

O lagarto ficou igualmente muito satisfeito, estendendo na relva seca.



Assim, todos três passaram o resto dos seus dias, vivendo juntos e sem discórdias.

Depois de ter examinado, cuidadosamente, os sapatos que o médico trouxera para consertar, o sapateiro tornou a entregar-lhos, dizendo:

— Os sapatos já não merecem conserto, sr. doutor.

— Muito bem — disse o médico; — nesse caso, é claro, não quero que se lhes faça nada.

— Está bem, mas eu levei, ainda assim, cinco escudos.

— Ora essa? cinco escudos porquê?

— Porque, quando o outro dia o fui consultar, o sr. doutor levou-me vinte escudos só por me dizer que eu não tinha nada.

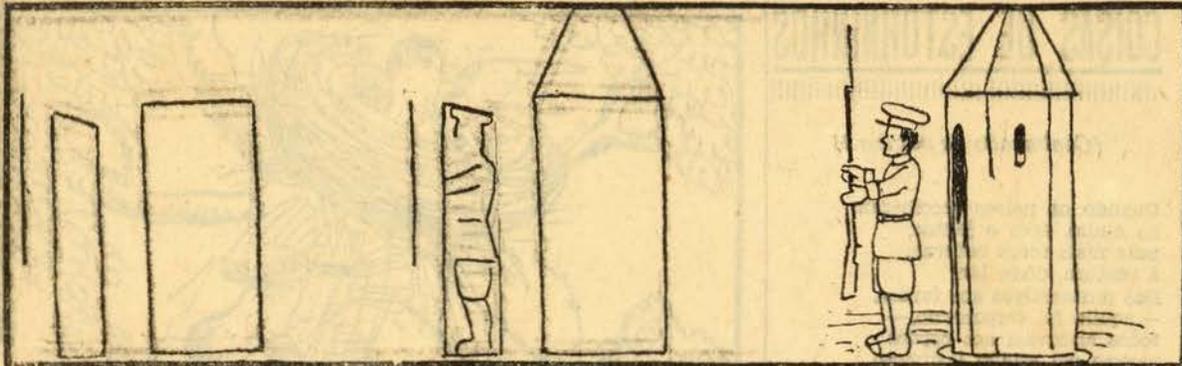
CHARADAS

Solução da do número anterior:

Camarada

■ ■ F I M ■ ■

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um soldado à porta da guarita

MAIS UMA VEZ CALINO A DIVINHA

(Continuação da pagina 4)

Um mendigo, sem braços, dirigiu-se a Calino. O nosso herói deu-lhe esmola e perguntou-lhe:

— «Olhe lá, você não tem braços?»
— «Não, meu bemfeitor. Estou assim por um desastre...»

— «Ah! Agora percebo! Como não tem braços, estende a mão à caridade».

Outro dia, um pobre dirige-se a ele:
— «Dê-me alguma coisinha para comprar um pão...»

Calino dá ao pobre dois tostões e diz-lhe:

— «Aqui tem. Compre o pão e beba à minha saúde.»

Já velho, Calino adoeceu gravemente. Um dia, o médico vem e encontra-o aos saltos fóra da cama.

— «Que faz o senhor?»
— «Esqueci-me de agitar o medicamen-

to, antes de o tomar. E, como vê, estou agora a agitá-lo.»

Restabelecido da doença, Calino deu uma queda de uma varanda muito alta e, por um acaso, não sofreu nada.

Muita gente admirava-se do sucedido e um amigo perguntou-lhe:

— «O' Calino, como é que tu fizeste isso?»
— «Como? Assim...»
E Calino tornou a deitar-se da mesma varanda abaixo...

Chegou ao chão de tal maneira que teve de lhe ser passada a certidão de óbito.

Assim morreu Calino.

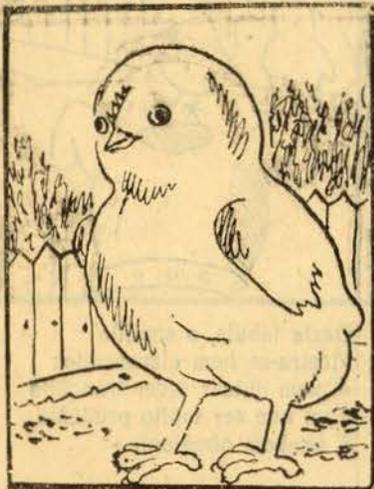
Substituir os pontos por letras, formando assim nomes de Aves.

.... C...
..... A...
..... R...
..... L...
..... O...
..... S...

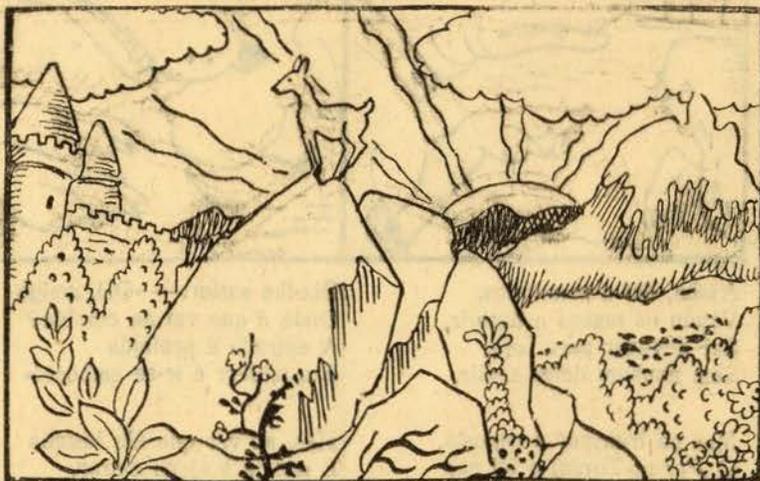
P...
...I...
...R...
...E...
...S...

C.....
....O...
...I...
M....
...B...
...R...
...A...

A D I V I N H A P A R A O S M E N I N O S C O L O R I R E M



Vejam se descobrem onde se encontra a mãe deste pintainho.



COISAS DE ESTORNINHOS

(Continuado da página 1)

Quando os noivos recolheram
ao ninho, após o jantar,
inda mais todos beberam
á ventura, dêsse lar.
Dos pintassilgos aos tordos,
— aquilo foi vergonhoso, —
todos andavam aos bordos
mesmo em estado lastimoso.



Logo que o parzinho entrou
no seu ninho, — coisa estranha! —
surprêsa, a noiva julgou
ser êle obra duma aranha.
Mal se meteram lá dentro,
sob o pêso dêles dois,
o ninho abriu pelo centro
e esfacelou-se depois.

Se êles âsas não tivessem
tinham dado um trambolhão...
Estas coisas acontecem
só aos que estouvados são.
Foi o caso que o Estorninho
teve, muito envergonhado,

de fazer um outro ninho
mas desta vez com cuidado.

Este conceito é real
e não há que erguer a grimpá:
«Aquele que cospe mal
por duas vezes se limpa».

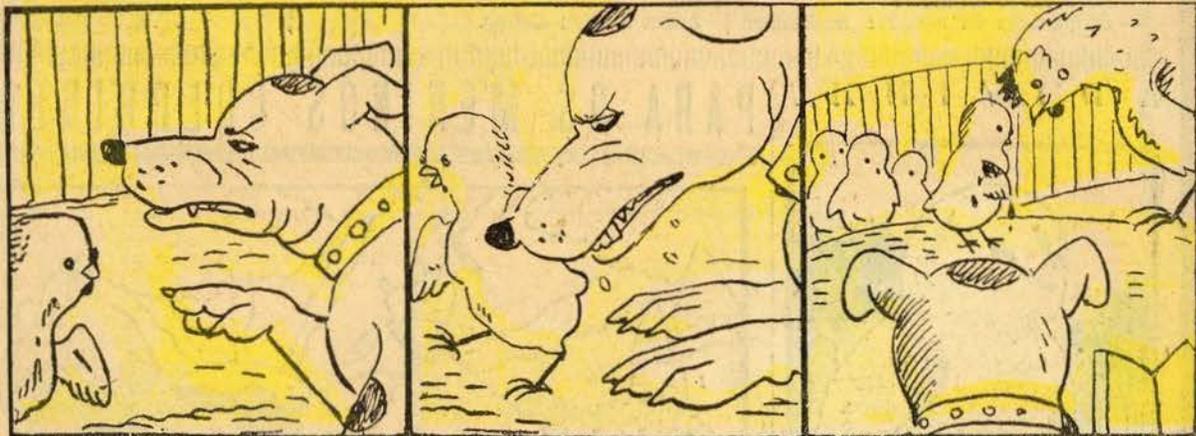
F

I

M

■ FÁBULA

(Continuado da página central)



Assim, daí a momentos,
Vendo os manos a dormir,
Sai devagar para fora,
Sem nenhum deles sentir.

Mas ao transpor a cancela,
O *Perna-Torta*, o tal cão
Em que a mãe tinha falado,
Ao ver o pinto anafado
Com modos de refilão,

Diz-lhe assim: — «Olá, amigo,
Onde é que vai de corrida?
A entrada é proibida
E o melhor é ir-se embora!»

Mas, ao ver que êle insistia
E queria à força entrar,
Deu-lhe uma forte dentada
Que o fez ficar, nesse instante,
Com a sua asa quebrada.

Desta fábula, o sentido
Mostra-se bem claramente:
«Quem quiser viver tranqüilo
Tem que ser muito prudente
E também obediente.»

F

I

M